



Análise de Enquadramento Noticioso Televisivo: O Jornal Nacional e a representação dos atores envolvidos no Caso do Morro da Providência¹

Plínio Marcos Volponi LEAL²

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, SP

RESUMO

Este estudo buscou analisar como as notícias de um telejornal representam os atores envolvidos em um escândalo. Tratando-se de uma mídia eletrônica, foi feita uma análise das matrizes verbal, visual e sonora, levando em conta a perspectiva da análise de enquadramento. Como a grande maioria das análises de enquadramento noticioso – até o momento – é aplicada no jornalismo impresso, este estudo também tem o objetivo de trazer esta abordagem teórica para o campo televisivo. O telejornal escolhido foi o Jornal Nacional, da Rede Globo, líder de audiência no Brasil e o escândalo selecionado foi o caso da morte de três jovens no Morro da Providência, no Rio de Janeiro, em Junho de 2008. Este caso apresentou uma variedade de atores, incluindo a participação de militares como envolvidos na morte dos rapazes.

PALAVRAS-CHAVE: Enquadramento Noticioso (*News framing*), Telejornalismo, Jornal Nacional, Caso do Morro da Providência – Junho 2008.

TELEJORNAL

O telejornal é um programa televisivo muito conhecido pelos telespectadores. No Brasil, a grande maioria deles traz dois apresentadores no vídeo que ficam posicionados atrás de uma bancada de onde lêem as notícias. Ao deparar com tal formato, o telespectador logo identifica que tal programa se trata de um telejornal – pode-se fazer um teste de assistir a uma emissora de um outro país da qual não se compreende sua língua e, mesmo assim, é possível identificar o gênero jornalístico na tevê.

O telejornal é construído de modo a padronizar sua estrutura que segue um mesmo modelo. Veiga (2002) defende que em um telejornal há três tipos de regras: as técnicas, as estéticas e as ideológicas. As primeiras dizem respeito às técnicas “do tempo, das imagens ao vivo, das notícias de agências internacionais, da entonação e da postura do apresentador”. Já as estéticas, incluem “a beleza física, as cores das roupas e a maquiagem dos apresentadores, o cenário, o plano de fundo, dentre outras”. Por fim, as ideológicas, “uso de determinadas imagens, expressões e palavras” (VEIGA, 2002, p. 40).

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Bolsista FAPESP em nível mestrado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação FAAC/UNESP. Também faz parte do grupo de pesquisa “Comunicação e Sociedade”, email: pliniovolponi@gmail.com.



Para a autora, a primeira regra está ligada à estrutura da notícia e ao tempo, pois o tempo deve ser exato no preenchimento da grade horária e, simultaneamente, as notícias devem ser curtas e objetivas. “Notícias importantes, que no jornalismo impresso podem chegar a ocupar uma página de jornal standard³, na televisão são apresentadas em aproximadamente 2 minutos” (VEIGA, 2002, p. 41). Se tomarmos como parâmetro a televisão comercial, o tempo é de fato sinônimo de dinheiro. Isso porque, os intervalos comerciais são importantíssimos para o seu financiamento e lucro. Já nas emissoras públicas ou educativas, em que a preocupação com os apoios culturais ocorre em um nível muito menor, elas se esforçam para manter um horário fixo e, durante os intervalos do telejornal, reter a atenção do telespectador, neste caso não para um produto comercial, mas para uma notícia que virá a seguir.

Por outro lado, a técnica faz com que a notícia se torne mais verdadeira que a própria realidade, criando uma hiper-realidade. O telejornalismo busca reconstruir a verdade por meio da representação da realidade do cotidiano.

A construção da imagem passa a ter um papel mais importante do que a própria realidade. Essa inversão de valores compromete a intenção do telejornalismo, pois deforma e molda conforme os objetivos da empresa, do editor, do repórter, do cinegrafista. A encenação passa a fazer parte da realidade, onde se reproduz a entrega de uma carta, a fila de sopa, o trabalho do entrevistado. Existe um autor que determina o ângulo, o melhor momento, a melhor fala, a cena, a construção da informação e a melhor seqüência, independente da linearidade temporal, não respeitando a construção lógica do entrevistado (VEIGA, 2002, p. 46)

A segunda regra diz respeito à estética. A autora brinca que “cabelos despenteados, dentes manchados de batom, gravatas tortas, camisas manchadas de suor são elementos discordantes, não aceitos na tela do veículo que reproduz a moda” (VEIGA, 2002, p. 46-47). A aparência dos apresentadores tem um papel fundamental na relação com o telespectador. Não apenas pelas suas roupas, mas também por sua colocação em um cenário, pela impositação de sua voz ou pela expressão facial antecipando um acontecimento triste ou alegre.

A estética pode ser observada também no tratamento das imagens. Não é aleatório que determinadas cenas ou quadros vão ao ar em detrimento de outras opções. Caso haja duas, sempre a que tiver uma melhor composição visual será a escolhida. É raro assistir

³ Formato de jornal impresso mais utilizado no Brasil, como o da Folha de S. Paulo.



imagens destorcidas ou mesmo com trepidação em telejornais de horário nobre, mas se o cinegrafista grava uma perseguição policial e o fato é relevante a ponto de superar a preocupação estética, adeus para o “padrão de qualidade”.

Por fim, a autora (VEIGA, 2002) apresenta a imposição ideológica feita pelos telejornais, já que são eles que enquadram o mundo, ou seja, o apresentam de uma maneira particular. A questão da presencialidade, por meio de gravações ou *links* ao vivo, apresentam uma justificativa de que o repórter ou o cinegrafista esteve no local e isso traz consigo uma carga ideológica extra. Por exemplo, ouvir alguma coisa pela boca de um terceiro não tem o mesmo impacto de estar no local e observar por si mesmo o que ocorreu – ou as marcas deixadas pelo ocorrido.

Cabe à mídia organizar as informações que, em um primeiro momento, são observadas pelo autor da matéria. O repórter faz a sua leitura dos fatos, o cinegrafista mostra o acontecimento por meio das suas interpretações de mundo, o editor constrói a notícia como um quebra-cabeças. (...) A reportagem construída engana pela verossimilhança (...) e que leva à unanimidade. (...) A unanimidade é alimentada por um jogo de interesses por trás das notícias. (...) Nesse ponto, podemos lembrar que o jornalismo sofre influências do hiper-realismo, quando parte da realidade é ‘pinçada’ dela e tratada como um todo ou como a realidade em si. O momento separado do contexto real passa a ser notícia. (VEIGA, 2002, p. 50-53)

Essa construção da notícia é feita tanto por palavras como por imagens escolhidas arbitrariamente. Não é gratuito observar que o uso de determinada expressão ou analogia em uma matéria jornalística e, muito menos, pensar que a escolha de uma imagem é apenas fruto de uma captação casual por uma câmera. É preciso ter em mente que um repórter – ou um cinegrafista – é contratado para trabalhar em uma empresa de comunicação apenas se o trabalho que ele for desenvolver estiver em sintonia com os interesses da empresa de onde ele trabalha e ele lá permanece enquanto continuar seguindo as diretrizes.

Por sua vez, o telespectador não é passivo, mas passa a utilizar, em seu cotidiano, determinados termos e expressões por conta da repetição cultural – principalmente aqueles reforçados pela mídia. Por exemplo: quando uma loira brinca ao dizer que sua ignorância vem da coloração dos seus cabelos. Isso é uma nítida influência mútua de enquadramentos, vindo tanto da audiência para a mídia como da própria mídia para a audiência.



CONCEITO DE ENQUADRAMENTO E METODOLOGIA

A mídia é a moldura da janela pela qual a opinião pública entra em contato com uma pequena parcela da realidade. Em um telejornal, essa realidade é construída e organizada através de notícias. Essa ordenação tácita de apresentar a realidade – por meio de palavras, imagens e sons, no telejornal – é o que chamamos de enquadramento noticioso (*news framing*), ou seja, o jornalista opta enquadrar um fato de uma determinada forma e não de outra, enfocando, assim, uma parte da realidade em detrimento de outra. Isso não ocorre apenas no telejornal, pois a toda mídia constrói a realidade social através do enquadre (*frame*) de imagens da realidade ou de suas representações.

Segundo Porto (2004), ao interpretar o conceito original de *framing* (enquadramento), desenvolvido por Erving Goffman (1974, p.10)⁴, afirma que:

Tendemos a perceber os eventos e situações de acordo com enquadramentos que nos permitem responder à pergunta: *O que está ocorrendo aqui?* Neste enfoque, enquadramentos são entendidos como marcos interpretativos mais gerais, construídos socialmente, que permitem às pessoas dar sentido aos eventos e às situações sociais. (PORTO, 2004, p. 78, grifos no original)

Em seu estudo clássico sobre a cobertura dada aos ativistas e aos movimentos de paz durante a guerra do Vietnã pela mídia americana, Todd Gitlin (1980) apresenta uma síntese do conceito de enquadramento para análise em mídia, considerada importante para a evolução da definição do conceito:

Enquadramentos são princípios de seleção, ênfase e apresentação compostos de pequenas teorias tácitas sobre o que existe, o que acontece e o que é importante. [...] [Enquadramentos midiáticos são] padrões persistentes de cognição, interpretação e apresentação, de seleção, ênfase e exclusão, através dos quais os detentores de símbolos organizam de forma rotineira o discurso, seja verbal ou visual. (GITLIN, 1980, p. 6-7, tradução nossa)

Nesse momento, o enquadramento passa a ser visto como uma tática de organização do texto pelo emissor, mesmo que as intenções do emissor sejam inconscientes (SCHEUFELE, 1999). Anos mais tarde, o pesquisador Robert Entman criou sua famosa

⁴ “Eu assumo que definições de uma situação são construídas de acordo com os princípios de organização que governam os eventos [...] e o nosso envolvimento subjetivo neles; enquadrar é a palavra que eu uso para referir a esses elementos básicos como eu sou capaz de identificar” (GOFFMAN, 1974, p. 10, tradução nossa)



definição de *framing*, amplamente citada em pesquisas ligadas ao enquadramento de notícias:

Enquadramento envolve essencialmente *seleção e saliência*. Enquadrar é '*selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e fazê-los mais salientes em um texto comunicativo, de forma a promover uma definição particular do problema, uma interpretação casual, uma avaliação moral e/ou um recomendação de tratamento*' para o item descrito. (ENTMAN, 1993, p. 52, grifos no original, tradução nossa)

Assim, a partir dessa definição, Entman (1993, p. 52) defende que os enquadramentos: (1) definem problemas – ao determinar o que um agente causal está fazendo com quais custos e benefícios; (2) diagnosticam uma causa – identificando as forças que criaram o problema; (3) fazem julgamento moral – ao avaliar os agentes causais e seus efeitos; (4) sugerem remédios – ao oferecer ou justificar tratamentos para os problemas e prever seus efeitos.

Utilizaremos a análise de enquadramento para observar como as notícias de um telejornal carregam tais enquadramentos. Neste estudo, enfocaremos o trato de atores envolvidos em um escândalo e como eles e a atitude deles perante o fato foram enquadradas. Vale ressaltar que é escassa a bibliografia televisual utilizando a análise de enquadramento, que tem sua base no jornalismo impresso. Assim, este estudo pretende contribuir para verificar como se dá tais enquadramentos noticiosos em meio televisivo. Por se tratar de radiodifusão, ou seja, de um meio eletrônico, as possibilidades de formatos que enquadram o mundo se ampliam, porque utiliza-se do hibridismo das três matrizes existentes: sonora, visual e verbal. Assim, optamos por não fazer uma análise em separado de cada matriz, já que elas coexistem simultaneamente. Contudo, ao realizar a verificação dos enquadramentos, faremos uma menção de quais matrizes foram utilizadas e como elas contribuíram para a criação desses enquadramentos.

O telejornal escolhido para a análise foi o Jornal Nacional, veiculado pela Rede Globo de Televisão. Isso porque, o Jornal Nacional completou 40 anos de existência em 2009 e, desde a sua criação, é líder de audiência entre os telespectadores brasileiros. O 'Jornal Nacional' ainda é a principal, quando não a única, referência informativa para a maioria dos brasileiros (REZENDE, 2000, p. 143). Não restam dúvidas que, atualmente, no Brasil, é o telejornal mais assistido e com maior impacto na divulgação de notícias e acontecimentos. E, apesar de receber muitas críticas acadêmicas, ele tem grande



credibilidade aceita junto à população brasileira – comumente ouve-se nas ruas: “Você assistiu àquela matéria do Jornal Nacional?” ou “É verdade, passou no Jornal Nacional”. Tendo em vista a importância desse telejornal, este estudo busca analisar um fato que teve ampla cobertura mediática e contou com a participação de vários atores envolvidos. Assim, escolhemos analisar as primeiras reportagens do caso da morte de três jovens no Morro da Providência, em Junho de 2008, causada pela ação de militares.

Como proposta metodológica de análise de enquadramento, utilizamos as etapas apresentadas por Soares (2006). Primeiro, gravamos e assistimos às três primeiras edições do Jornal Nacional a partir do acontecimento do fato, ou seja, dias 14, 16 e 17 de Junho de 2008⁵. Fizemos uma análise preliminar e definimos os itens de observação para ressaltar os atores envolvidos, que são: a) Família das vítimas; b) Moradores do Morro; c) Operário das Obras; d) Militares Envolvidos; e) Exército (Instituição); f) Polícia Civil; g) Governo Federal e Estadual; h) Ministro da Defesa, Nelson Jobim. Por fim, foram realizadas uma análise descritiva e uma interpretativa para deixar essas representações mais evidentes, promovendo uma possível visualização ampla e clara de como os atores foram representados pelo Jornal Nacional. Após a descrição sobre esse episódio, discutiremos aqui apenas os resultados.

O MORRO DA PROVIDÊNCIA E O PROJETO CIMENTO SOCIAL

O Morro da Providência, como é conhecido hoje, era inicialmente denominado Morro da Favella. É por meio de sua história que é possível compreender o sentido que há, atualmente, sobre “favela”. No final do século XIX, houve um expressivo crescimento populacional na cidade do Rio de Janeiro, então capital do país. A pobreza estava generalizada na cidade após a abolição da escravidão, em 1888, e os empregos eram escassos.

Com o aumento populacional expressivo e a alta taxa de pobreza, as pessoas passaram a se organizar em estruturas de moradias populares coletivas, conhecidas como “cortiços” – considerados uma semente da “favela”. Havia um temor geral, principalmente dos políticos, com tais habitações, porque elas estavam localizadas na região central e podiam ser locais de abrigo de assassinos e de pervertidos, sem contar que representavam um afrontamento à saúde pública.

⁵ Vale lembrar que o dia 15 de Junho de 2008 foi um domingo, único dia da semana em que o Jornal Nacional não vai ao ar.



Muitos historiadores não defendem o Morro da Providência como a primeira organização conhecida como “favela”, mas concordam que foi aquela que teve maior visibilidade. De qualquer forma, “o nome próprio ‘Morro da Favella’ passou-se ao substantivo ‘favela’, o qual serviria desde então para denominar os casos cada vez mais freqüentes de terra invadida e/ou ocupada ilegalmente por moradias precárias e população pobre” (PRETECEILLE; VALLADARES, 2000, p. 461, grifos no original). É a partir dessas concepções que se surgiu o arquétipo de “favela”.

A esses espaços se associaram representações que serviriam para identificar a favela: ocupação ilegal, situada nas encostas de um morro ou localizada em bairro relativamente central, com moradias precárias, sem infra-estrutura e serviços urbanos. O favelado, morador da favela, passou a simbolizar o migrante pobre, semi-analfabeto, biscateiro, incapaz de se integrar e se adaptar ao mercado de trabalho da cidade moderna, industrial. A fórmula ‘favela é igual a pobreza’ logo se tornou consensual, sendo compartilhada pelo meio acadêmico e político e sendo difundida pela mídia. (PRETECEILLE; VALLADARES, 2000, p. 461-462)

Além da ilegalidade, havia também o problema da violência urbana e da criminalidade: “No fim da década de 1900, o Morro da Favela passou a ser considerado o lugar mais perigoso da capital, reforçando a má fama conquistada por seus moradores depois da participação na Revolta da Vacina, em 1904” (MATTOS, 2007). E a pobreza e a criminalidade passaram a se confundirem, pois tinha-se a crença de que as pessoas mais pobres eram os principais suspeitos na prática de um crime. Assim, houve uma concepção difundida – e muitas pessoas ainda apostam nela – de que, para acabar com a criminalidade, deveria segregar a pobreza em um local afastado.

Nos anos que se seguiram, houve várias ações governamentais para promover o fim das favelas no Rio de Janeiro, como o Código de Obras de 1937, que vedava qualquer tipo de melhoramento nesses locais. Porém, as políticas públicas passaram a promover, principalmente, o aperfeiçoamento desses espaços, e não mais a sua remoção, como o projeto Favela-Bairro que foi implantado no Morro da Providência.

Um recente projeto que visa melhorar as condições precárias das habitações no Morro da Providência e dar uma visibilidade mais positiva à região é conhecido como Cimento Social. Oficialmente intitulado como “Programa de Melhoria Habitacional em Áreas Urbanas de Risco com participação do Comando do Exército”, esse projeto foi elaborado em 13 de Setembro de 2007 pelo senador Marcelo Crivella (PRB/RJ) e teve



um parecer favorável para ser executado. Houve, como previsto, um convênio de 12 meses para a revitalização de 782 casas. Vale ressaltar que, apesar do projeto ter sido elaborado no ano de 2007, este convênio foi assinado no dia 31 de janeiro de 2008 – em pleno ano eleitoral.

A justificativa para a presença do Exército é a de garantir a segurança dos trabalhadores, materiais e equipamentos. O projeto abrange, ainda, a urbanização do local e o reflorestamento, como a instalação de postes de iluminação e um sistema de proteção para a rede elétrica e telefônica. Entre os outros benefícios do projeto e da presença do Exército no Morro, estão a desativação de pontos de vendas de drogas e o fim da circulação de olheiros e soldados armados do tráfico.

Após o projeto completar seis meses, algo mudaria os rumos das obras do Projeto Cimento Social. No dia 14 de Junho de 2008, três jovens voltavam de um baile funk quando foram abordados por uma patrulha do Exército na entrada do Morro da Providência. Segundo os depoimentos, eles teriam desacatado a autoridade dos militares. Desse local, teriam sido encaminhados ao quartel do Exército para conversarem com o comandante da tropa, de onde teriam sido liberados sem punição após serem ouvidos. Alguns soldados teriam ficado inconformados com a impunidade e queriam aplicar um corretivo nos jovens. Então, levaram os jovens ao Morro da Mineira, no Catumbi, e os entregaram ao grupo de traficantes ADA (Amigos dos Amigos), que são rivais do Comando Vermelho, do Morro da Providência.

No dia seguinte, os corpos dos três jovens foram encontrados em um lixão, com várias marcas de tiros. A população local reagiu e protestou contra os militares. A partir de então, o episódio deu início a um debate sobre a atuação do Exército na segurança pública: por um lado, é constitucional a participação das Forças Armadas para a garantia da lei e da ordem (BRASIL, 1999); e, por outro, não há uma definição constitucional clara sobre o papel do Exército, já que se entendia que é a organização policial que está treinada e preparada para atuar diretamente com a sociedade civil.

Em 16 de Junho, três soldados envolvidos com o episódio teriam confessado o crime à polícia. Foi declarada, então, a prisão preventiva dos onze militares envolvidos, sendo um tenente, três sargentos e sete soldados. Mais de mil pessoas acompanharam o enterro dos três jovens. No dia seguinte, o ministro da Defesa Nelson Jobim subiu ao Morro da Providência para pedir desculpas aos parentes das três vítimas e afirmar que o ocorrido foi um desvio de conduta isolado e não haveria motivos para a saída do Exército do local. O projeto, que teve grande repercussão mediática, passou a ser visto como



suspeito de fazer parte de um esquema político da prefeitura do Rio de Janeiro. E a população, por sua vez, estava revoltada e pedia a expulsão dos militares do Morro.

RESUMO DAS ANÁLISES DESCRITIVA E INTERPRETATIVA

Com base na coleta dos dados dos telejornais e nos itens de observação já apontados, foram feitas uma análise descritiva (em formato de roteiro cinematográfico) e uma análise interpretativa desses dados que serão expressos aqui de modo resumido. Como já informamos, não poderíamos dividir as três matrizes – sonora, visual e verbal -, assim, optamos por relatar alguns trechos das reportagens que mais representam as abordagens e seus possíveis enquadramentos criados pelo Jornal Nacional com relação aos atores envolvidos no caso da morte dos três jovens no Morro da Providência, em Junho de 2008.

(a) Família das Vítimas e Amigos

Houve duas narrativas principais: uma mostrando a falta que os jovens farão para a família e amigos e outra revelando o desejo de justiça vindo da família. O enquadramento criado mostra que a família e amigos das vítimas não desejam que o caso caia na impunidade, principalmente pela falta que os jovens farão. A família não acusa, em nenhum momento, os militares.

(b) Moradores do Morro:

Os moradores do morro são vistos como aqueles que querem cobrar de modo violento – e não pacífico, como fizeram a família das vítimas. Eles se revoltaram e fizeram protestos; colocaram a culpa do episódio na presença do Exército no Morro; ao mesmo tempo, alguns moradores e o comércio local têm medo. Outros tratamentos com relação aos moradores é que eles vêem a morte dos jovens como algo revoltante e que há uma convivência diária com armas de fogo nas ruas. O enquadramento criado é de que os moradores exigem uma resposta para a situação e não aceitam atitudes ultrajantes como ocorrida neste episódio da morte dos jovens.

(c) Operários das Obras:

Assim como os moradores, os operários das obras – que também moravam no morro – foram relatados de modo a mostrar que queriam uma negociação: a retirada do Exército da região para que continuassem os trabalhos.



(d) Militares Envolvidos:

Com relação aos militares envolvidos, não houve nenhum recurso sonoro ou visual, ou seja, eles foram retratados apenas verbalmente. Isso porque, os militares não foram ouvidos pelo telejornal e também não foram exibidas as fotos desses militares, apenas um videografismo com a representação de militares. Os temas nos quais os militares envolvidos foram relacionados são: o Exército defendeu seus soldados inicialmente, mas o tenente confessou o crime logo em seguida; e o principal culpado entre os onze militares acusados é o tenente, pois ele era o responsável pela ação.

(e) Exército (Instituição):

Apesar de não ter sido dito claramente, visual e sonoramente criou-se a representação de um Exército fortemente armado com imagens de comboio de veículos militares, militares enfileirados, militares com escudos e cacetete, marchando à frente, botas de militares que estão subindo escada de pedra.

Já verbalmente, foram identificados quatro diferentes enfoques: de que essa foi uma ação isolada (ou seja, os culpados são os envolvidos e não a Instituição); de que o Exército teve uma participação positiva no conflito com os moradores locais; de que as Forças Armadas podem ser empregadas na segurança pública, mas seu exercício deve ser regulado e servir como um “suporte” para a polícia; e, por fim, de que o Exército é também visto como um solucionador dos problemas que o morro enfrenta.

(f) Polícia Civil:

A Polícia Civil foi enquadrada com as três matrizes de modo a dar a noção de que ela está presente no desenrolar do caso e de que não só o Exército tem poder para solucionar o conflito.

(g) Governo Federal e Estadual:

Dois aspectos foram ressaltados quanto às atitudes governamentais, sendo que em ambos os casos foram apenas verbalmente. O primeiro indica que o Governo tem, em parte, culpa no episódio que culminou na morte dos três jovens, pois proposta a utilização das Forças Armadas com a finalidade de revitalizar casas. O segundo evidencia uma preocupação por parte do Governo com relação ao bem-estar das famílias das vítimas e com a justiça que deve ser feita por conta da morte dos rapazes.



(h) Ministro da Defesa – Nelson Jobim:

Quatro representações referentes à figura do Ministro da Defesa foram feitas: que ele está acompanhando as investigações “de perto”; que ele promete punição aos envolvidos; que pede desculpas oficialmente; e que expressa a indignação do Governo com relação ao ocorrido.

Os enquadramentos vistos aqui indicam que a justiça é um desejo comum tanto por parte da família como por parte dos moradores e operários. Isso pode implicar que existe uma sensação de impunidade em casos como esses. Também há um enquadramento criado por parte do Exército, que decidiu fazer do episódio um fato isolado, de modo que não abalasse a imagem das Forças Armadas. E, a Polícia Civil, por sua vez, mostra-se como uma alternativa para solucionar o caso. Por fim, o Governo foi enquadrado como aquele que se preocupa com a população – ao fazer um projeto social – e, ainda, levando em conta a atitude do Ministro da Defesa, aquele que vai até a residência das famílias das vítimas prestar condolências. É intrigante perceber que um enquadramento possível seria de que o Governo é o responsável pela falta de cidadania na região ou, até mesmo, o culpado por existir traficante nas favelas do Rio de Janeiro. Mas tal posicionamento não foi observado nas reportagens analisadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, chegamos ao objetivo deste estudo, que era de mostrar como o Jornal Nacional representou os atores envolvidos nos primeiros dias após o escândalo da morte de três jovens no Morro da Providência, em Junho de 2008, por causa de uma ação militar. As contribuições trazidas por Veiga (2002) foram importantes para nortear este trabalho, pensando as três matrizes relacionadas com três regras apresentadas. Contudo, neste estudo, demos maior ênfase ao aspecto ideológico. Reconhecemos a importância do nível técnico e estético nas reportagens, mas, aqui, essas regras não foram analisadas com a ênfase merecida – embora elas estejam presentes intrinsecamente. Aconselhamos, portanto, que outras pesquisas devam observar também o aspecto técnico e estético presente nas reportagens.

Este artigo é concluído pensando nas questões propostas por Entman (1993, p. 52). Neste caso, o problema exibido pelas reportagens é a morte de três jovens de um Morro no Rio; a causa do escândalo é criada por conta de que onze militares teriam a



participação no crime (e não o Exército ou o Governo); o julgamento moral apontado é de que o Exército não está apto a fazer a segurança pública; o remédio para o caso é a punição dos militares envolvidos, levando em conta que essa foi uma ação isolada.

A impressão final é de que houve uma intenção de relatar o fato de modo que ele não caísse no esquecimento, mas, ao mesmo tempo, não foi dada a amplitude necessária para se discutir outras coisas que não são estritamente factuais. No geral, as reportagens giraram entorno dos culpados, das manifestações e de quais os posicionamentos das instituições públicas quanto ao fato, exclusivamente. Contudo, nada foi cobrado das autoridades, não houve reflexão sobre o motivo pelo qual o morro se encontra em situação degradante. Além disso, algumas questões, como as relacionadas aos direitos humanos dos jovens que não foram respeitados e a manutenção da presença dos traficantes do morro, ficaram de fora.

Pensando que vários jovens morrem no morro diariamente, a cobertura mediática neste caso foi fundamental para que a situação não caísse no descaso, porém, é possível que as principais questões tenham sido silenciadas por haver um interesse em mantê-las dessa forma. Resta a dúvida: até quando assuntos ligados à violência e à cidadania ficarão silenciados?

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **Exército expulsa tráfico de morro do Rio, mas ocupação é por tempo limitado.** 19 fev. 2008.

_____. **Exército sobe morro carioca para recuperar casas sob desconfiança de moradores.** 13 dez. 2007.

_____. **Ministro das Cidades ouve reivindicações de moradores de favela no Rio.** 28 mar. 2008.

_____. **Projeto prevê revitalização de casas em favela do Rio.** 12 dez. 2007.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil (1988).** 5 out. 1988.

BRASIL. **Lei Complementar, n 97.** 09 jun. 1999.



CRIVELLA, M. **Discurso no Senado**: Crivella contesta O Globo sobre origem de favela. 05 dez. 2007.

_____. **Projeto de lei do Senado nº 541**. 13 set. 2007.

ENTMAN, R. M. Framing: Toward Clarification of a Fractured Paradigm. **Journal of Communication**, v. 43, n. 4, p. 51-58, 1993.

_____. Framing US Coverage of International News: contrast in narratives of the KAL and Iran Air incidents. **Journal of Communication**, v. 41, n. 4, 1991.

FECHINE, Y. Tendências, usos e efeitos da transmissão direta no telejornal. In: DUARTE, E. B.; CASTRO, M. L. D. (orgs). **Televisão: entre o mercado e a academia**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

GITLIN, T. **The Whole World is Watching**: mass media and the making and unmaking of the new left. Berkeley: University of California Press, 1980.

GOFFMAN, E. **Frame Analysis**: An essay on the organization of experience. New York: Harper & Row, 1974.

MATTOS, R. C. Aldeias do Mal. **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro. ano 3. v. 25, p. 28-33, 2007.

PARK, J. Contrasts in the coverage of Korea and Japan by US television networks: a frame analysis. **International Journal for Communication Studies**, Londres; Thousand Oaks; Nova Deli, v. 65, n. 2, p. 144-164, 2003.

PORTO, M. P. Enquadramentos da mídia e política. In: RUBIM, A.A. (Org.). **Comunicação e Política**: conceitos e abordagens. Salvador: EdUFBA, 2004. p. 73-104.

PRETECEILLE, E; VALLADARES, L. Desigualdade entre os pobres – favela, favelas. In: HENRIQUES, R. (Org.). **Desigualdade e Pobreza no Brasil**. Rio de Janeiro: IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), 2000, p. 459-485.

REZENDE, G. J. **Telejornalismo no Brasil**: um perfil editorial. São Paulo: Summus Editorial, 2000.



SANTAELLA, L. **Matrizes da Linguagem e Pensamento – Sonora, Visual, Verbal: Aplicações na hipermídia**. São Paulo: Iluminuras/Fapesp, 2001.

SCHEUFELE, D. A. Framing as a theory of media effects. **Journal of Communication**, v. 49, n. 1, p. 103-122, mar. 1999.

SOARES, M. C. Análise de enquadramento. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (org). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

SOUZA, J. C. A. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

VALADARES, L. A Gênese da Favela Carioca: A produção anterior às ciências sociais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 15, n. 44, out. 2000. p. 5-34.

VEIGA, Z. **Telejornalismo e Violência Social: A construção de uma imagem**. Curitiba: Pós-Escrito, 2002.